

Os meus encontros com Stáline¹ (I)

Enver Hoxha

1979

Introdução

(extractos)

(...) Khruchov acusou Stáline de ter sido um homem «*rústico*» que não conhecia a situação na União Soviética e no mundo, que ignorava onde se encontravam as unidades do Exército Vermelho e que o tinha dirigido guiando-se por um globo terrestre escolar!

Os incontestáveis méritos de Stáline obrigaram os próprios chefes de fila do capitalismo mundial como Churchill, Roosevelt, Truman, Eden, Montgomery, Hopkins e outros a prestar-lhe homenagem apesar de não esconderem a sua hostilidade à política e à ideologia marxista-leninista e ao próprio Stáline. Li as memórias destes chefes de fila do capitalismo e vi que eles falam de Stáline com respeito, como um homem de Estado e um estratega militar; qualificam-no de grande homem «*dotado de um sentido estratégico notável*», «*duma inteligência sem par na rápida compreensão dos problemas*». Churchill disse de Stáline: «*Respeito esse grande e excelente homem (...) Poucas pessoas no mundo poderiam compreender assim, em tão poucos minutos, as questões com que nos debatíamos há longos meses. Ele assimilou tudo num instante.*»

Os khruchovistas quiseram fazer crer que foram eles, e não Stáline, que dirigiram a grande guerra patriótica da União Soviética contra o nazismo! Mas toda a

¹ Título original: Enver Hoxha, *Com Stáline (Recordações)*, edições Bandeira Vermelha, Lisboa, Fevereiro de 1980. Esta edição portuguesa não faz qualquer referência à tradução ou ao tradutor. No entanto, a transliteração de alguns nomes russos (que adaptámos à fonética portuguesa) leva-nos a supor que o texto foi traduzido da edição albanesa em língua francesa, *Edições 8 NËNTORI*, Tirana, Dezembro de 1979, a qual pode ser igualmente encontrada na Internet. Na presente edição revista incluímos extractos da introdução bem como os relatos integrais dos cinco encontros do autor com I.V. Stáline.

Independentemente de algumas discordâncias que suscitarão, estes textos contêm valiosas considerações e informações sobre as condições históricas em que se formou o socialismo na Albânia. Quanto aos relatos dos cinco encontros com Stáline são frescos que lembram importantes factos históricos e pormenores pouco conhecidos, bem como certas peculiaridades das personalidades envolvidas (*N. Ed.*)

gente sabe que nessa altura eles se escondiam à sombra de Stáline, a quem cantavam loas hipócritas dizendo: «*É ao grande Stáline que devemos todas as nossas vitórias e sucessos*», etc., enquanto se preparavam para liquidar essas vitórias.

Os verdadeiros hinos, aqueles que saíam dos corações, eram cantados pelos soldados soviéticos que, com o nome de Stáline na boca, suportavam todo o peso das batalhas.

Os comunistas e o povo albanês sentiram intensamente e de muito perto (embora estivessem muito longe da União Soviética), o grande papel de Stáline nos momentos mais difíceis que o nosso país atravessou durante a ocupação fascista italiana e alemã, quando estava em jogo o destino do nosso país, a sua permanência na servidão ou a conquista da liberdade. Nos momentos mais penosos da guerra, Stáline esteve sempre connosco. Reforçava as nossas esperanças, aclarava as nossas perspectivas, temperava os nossos corações e as nossas vontades, fortalecia a nossa certeza na vitória. As últimas palavras dos comunistas, patriotas e camponeses albaneses que davam a sua vida no campo de batalha, diante da força ou do pelotão de fuzilamento do inimigo eram muitas vezes «*Viva o Partido Comunista!*», «*Viva Stáline!*». Mais do que uma vez as balas do inimigo, ao trespassarem os corações dos filhos e filhas do nosso povo, trespassavam também as obras de Stáline que eles guardavam junto ao peito como um tesouro precioso.

A despeito dos esforços abertos ou camuflados dos inimigos internos ou externos da União Soviética para sabotar o socialismo, depois da II Guerra Mundial a política justa de Stáline dava o tom nos grandes problemas internacionais. O país dos Sovietes, devastado pela guerra e que tinha deixado nos campos de batalha milhões de homens, foi reconstruído com uma rapidez incrível. Este imenso trabalho foi executado pelo povo soviético, pela classe operária e pelo campesinato dos *kolkhozes* sob a direcção do partido bolchevique e do grande Stáline.

O revisionismo surgiu durante a II Guerra Mundial com a traição de Browder, antigo secretário-geral do Partido Comunista dos Estados Unidos, que, juntamente com os seus companheiros revisionistas, liquidou o partido e se colocou ao serviço do imperialismo americano. Browder pregava o fim da separação entre a burguesia e o proletariado, entre o capitalismo e o socialismo, e a sua fusão num só mundo; era contra a revolução e a guerra civil e defendia a coexistência pacífica das classes na sociedade. Por esta «*linha branca*» e pela sua política capitulacionista, podemos dizer que Browder foi o antecessor de Tito, o qual, devido aos seus pontos de vista e às suas posições antimarxistas e antileninistas, entrou em conflito ideológico com a União Soviética ainda durante a guerra, embora só após o fim desta esse conflito tenha aparecido à luz do dia. Depois de múltiplos e pacientes esforços para trazer o renegado Tito para a linha justa, Stáline, o partido bolchevique e os verdadeiros partidos comunistas de todo o mundo convenceram-se de que este era incorrigível e condenaram-no unanimemente. Ficou claro que a acção de Tito servia o imperialismo mundial, razão pela qual foi apoiado e sustentado pelo imperialismo americano e por outros Estados capitalistas. Fazendo coro com a propaganda burguesa e desejoso de merecer os créditos que recebia dos imperialistas, Tito caluniou Stáline afirmando, entre outras coisas, que este preparava um ataque contra a Jugoslávia. O tempo provou que tal não passava de uma mentira.

Nos vários encontros que tive a honra de ter com Stáline, este disse-me que nunca um ataque da União Soviética contra a Jugoslávia tinha sido encarado, nem nun-

ca o poderia ser. Somos comunistas, dizia Stáline, e jamais atacaremos qualquer país estrangeiro; por isso não atacaremos a Jugoslávia, mas desmascararemos Tito e os titistas pois esse é o nosso dever de marxistas. Que os povos da Jugoslávia conservem Tito no poder ou que o derrubem, trata-se, dizia ele, de uma questão interna e só a eles cabe resolvê-la; não temos de nos intrometer nesse assunto.

O bando de Nikita Khruchov foi encorajado e apoiado nas suas calúnias contra Stáline pelo renegado Josip Broz Tito, que já anteriormente tinha tomado essas posições, e mais tarde por Mao Tsé-Tung e por outros revisionistas de diversos matices. Na realidade estavam todos ao serviço do capitalismo para destruir, de dentro, o socialismo na União Soviética, para entravar a construção do socialismo na Jugoslávia e criar obstáculos à edificação do socialismo na China e no mundo inteiro. Foi por isso que se voltaram contra Stáline, em quem viam um homem forte, cuja autoridade não conseguiram minar enquanto foi vivo.

Estes traidores eram os sucessores dos renegados sociais-democratas revisionistas e oportunistas da II Internacional, os continuadores, em circunstâncias e condições diferentes, da sua obra inglória. Eles pretendiam aplicar formas de organização e de luta «*apropriadas*» às situações e elaborar, em consequência, ideias novas para «*corrigir*» e «*completar*» o marxismo-leninismo, segundo «*o espírito dos tempos*», etc. Todas estas excrescências, à parte algumas diferenças de pura forma, que se manifestavam nas suas opiniões e nas suas atitudes, visavam um só fim: combater o marxismo-leninismo, negar a inevitabilidade da revolução proletária, minar o socialismo, asfixiar a luta de classes e impedir a completa destruição da velha sociedade capitalista.

Stáline era um verdadeiro internacionalista. Tinha bem presente no espírito a particularidade do Estado soviético ter sido criado pela união de várias repúblicas, compostas, também elas, por vários povos, por várias nacionalidades; por isso, aperfeiçoou a organização estatal dessas repúblicas, respeitando a igualdade de direitos entre elas. Graças à justa política marxista-leninista que seguiu sobre a questão nacional, Stáline conseguiu consolidar e temperar a unidade combatente dos diversos povos da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. À cabeça do partido e do Estado soviético, contribuiu para que a prisão dos povos que era a velha Rússia tsarista, se transformasse num país livre, independente e soberano, onde os povos e as repúblicas vivessem em harmonia, amizade, unidade e igualdade de direitos. Stáline conhecia as nações e a sua formação histórica, conhecia as características da cultura e da psicologia de cada povo e tratava-as como marxista-leninista.

O internacionalismo de Iossif Stáline manifestou-se também claramente nas relações então estabelecidas entre os países de democracia popular, que ele considerava como Estados livres, independentes, soberanos, como aliados próximos da União Soviética. Nunca concebeu que esses Estados fossem dominados pela União Soviética, quer política quer economicamente. Esta política seguida por Stáline era uma política justa marxista-leninista.

Nas minhas memórias evoco um pedido que fiz a Stáline em 1947, com vista à criação de sociedades mistas albanos-soviéticas para explorar as riquezas do nosso subsolo. Ele respondeu-me que não formavam sociedades mistas com os países irmãos de democracia popular, explicando-me que os passos dados nesse sentido com certos países de democracia popular tinham sido um erro, tendo por isso sido anulados. Mas temos o dever, continuou, de fornecer aos países de democracia po-

pular a tecnologia de que dispomos e a ajuda económica que nos é possível conceder, e estaremos sempre prontos a apoiá-los. Eis como Stáline julgava e agia.

Os khruchovistas, pelo contrário, não agiram assim e enveredaram pelo caminho da criminosa colaboração capitalista, criando com os antigos países de democracia popular uma «*unidade*» militar, política e económica no seu próprio interesse e a expensas dos outros.

Eles transformaram o Pacto de Varsóvia num instrumento para manter sob domínio as suas novas colónias, segundo formas e métodos pretensamente socialistas. A organização de entreatajuda económica que era o CAME² na época de Stáline, foi por eles convertida num meio de controlo e exploração dos países membros.

A política de Stáline era, pois, diferente daquela que seguem os revisionistas modernos, khruchovistas e outros, em todas as grandes questões políticas, ideológicas e económicas. A política de Stáline era uma política de princípios, internacionalista, enquanto a política dos revisionistas soviéticos é uma política capitalista, de domínio dos povos que caem nas suas armadilhas.

Stáline foi acusado pelos imperialistas, por Tito, pelos khruchovistas e por todos os outros inimigos, de ter alegadamente procedido à partilha das zonas de influência após a II Guerra Mundial, fazendo acordos com os antigos aliados antifascistas, os Estados Unidos e a Grã-Bretanha. O tempo atirou esta acusação para o caixote do lixo, tal como as outras. Depois da II Guerra Mundial, Stáline, com um espírito de justiça exemplar, defendeu os povos, a sua luta de libertação nacional e os seus direitos nacionais e sociais contra os conluios dos seus antigos aliados da guerra antifascista.

Os inimigos do comunismo, desde a reacção burguesa internacional até aos khruchovistas, passando por todos os outros revisionistas, fizeram todos os esforços para denegrir e caluniar as virtudes deste grande marxista-leninista, as suas ideias claras e as suas acções justas, para desacreditar o primeiro Estado socialista criado por Lénine e pelo próprio Stáline.

Os khruchovistas, esses novos trotskistas, bukharinistas, zinovievistas e tukhatchevskistas, fomentaram perfidamente nos homens que tinham feito a guerra sentimentos de presunção e superioridade. Promoveram os privilégios em favor da elite, franquearam largamente o caminho para o burocratismo e o liberalismo no partido e no Estado, violaram as verdadeiras normas revolucionárias, e, pouco a pouco, conseguiram difundir no povo um espírito derrotista. Fizeram crer que todos os defeitos da sua acção eram devidos à «*atitude brutal e sectária, aos métodos e ao estilo de trabalho*» de Stáline. Com esta maneira diabólica de atirar a pedra e esconder a mão, procuraram enganar a classe operária, o campesinato dos *kolkhozes* e os intelectuais, e pôr em movimento todos os elementos dissidentes até então escondidos. Dizia-se aos elementos dissidentes, carreiristas e degenerados que tinha chegado a «*verdadeira liberdade*» e que esta «*liberdade*» lhes tinha sido trazida por Nikita Khruchov e o seu grupo. Era uma maneira de preparar o

² **CAME** (Conselho de Assistência Mútua Económica) foi criado em Janeiro de 1949 pela União Soviética, Bulgária, Checoslováquia, Hungria, Polónia e Roménia. A Albânia adere em Fevereiro do mesmo ano, permanecendo na organização até Dezembro de 1961, e a República Democrática Alemã adere em 1950. Mais tarde juntam-se a Mongólia (Setembro de 1962), Cuba (Julho de 1972) e o Vietname (Junho de 1978). (N. Ed.)

terreno para a liquidação do socialismo na União Soviética, para a abolição da ditadura do proletariado e a instauração dum Estado de «*todo o povo*» (...).

Essas infâmias não tardaram a aparecer depois da morte, ou melhor, depois do assassinio de Stáline. Digo depois do assassinio, porque o próprio Mikoian nos disse, a mim e ao camarada Mehmet Shehu que ele, Khruchov e seus acólitos tinham decidido montar um «*pokuchénie*»,³ urdir um atentado para matar Stáline, mas que depois, como disse Mikoian, tinham renunciado a esse plano. É notório que os khruchovistas esperavam impacientemente a morte de Stáline. Aliás, as circunstâncias da sua morte não são claras.

A este respeito, o caso dos «*batas brancas*», o processo contra os médicos do Krémelin que em vida de Stáline tinham sido acusados de tentar matar vários dirigentes da União Soviética, é um enigma não esclarecido. Depois da morte de Stáline esses médicos foram reabilitados e o caso arquivado! Mas porque se encerrou este caso? Os actos criminosos destes médicos ficaram ou não provados na altura em que foram julgados? O processo dos médicos foi encerrado, porque, se se continuasse o inquérito, se se tivesse investigado mais profundamente, teria vindo ao de cima muita sujidade, muitos crimes e conjuras perpetrados pelos revisionistas encapotados, com Khruchov e Mikoian à cabeça. Tais práticas explicariam talvez as mortes súbitas e num lapso de tempo relativamente curto de Gottwald, Bierut, Foster, Dimitrov e outros, que sofriam de doenças curáveis e que eu evoco nas minhas memórias não publicadas *Nós e os Khruchovistas*. Explicariam talvez também a verdadeira razão da morte súbita de Stáline.

Para realizar os seus vis desígnios e os seus planos de luta contra o marxismo-leninismo e o socialismo, Khruchov e o seu grupo liquidaram um a um, sem barulho e misteriosamente, um bom número dos principais dirigentes do *Komintern*. Foi assim que atacaram, desacreditam e destituíram Rákosi, entre outros, e o deportam para as longínquas estepes da Rússia.

No relatório «*secreto*» que apresentaram no seu XX Congresso, Nikita Khruchov e seus acólitos lançaram toda a lama que puderam sobre Iossif Vissariónovitch Stáline e esforçaram-se por o rebaixar da maneira mais abjecta, segundo os métodos trotskistas mais cínicos. Depois de terem comprometido um certo número de quadros dirigentes do Partido Comunista da União Soviética, os khruchovistas exploraram-nos a fundo, depois afastaram-nos e liquidaram-nos como se fossem elementos antipartido. Condenando o culto de Stáline para encobrir os seus crimes posteriores contra a União Soviética e o socialismo, os khruchovistas, com Khruchov à cabeça, levaram aos píncaros o culto deste último.

Estes altos dirigentes do partido e do Estado soviético atribuíram a Stáline a ferocidade, a manha, a perfídia e a baixeza de carácter que lhes eram próprias, assim como as prisões e assassinios que eles próprios praticavam. Em vida de Stáline eram precisamente eles que, para dissimular o seu carreirismo, os seus intentos e as suas acções infames, lhe cantavam os mais altos elogios. Em 1949, Khruchov qualificava Stáline de «*guia e educador genial*», declarava que «*o nome de Stáline é a bandeira de todas as vitórias do povo soviético, a bandeira da luta dos trabalhadores do mundo inteiro*». Mikoian declarava que as obras de Stáline constituíam «*um novo grau histórico, superior, do leninismo*». Kossíguine dizia que «*nós de-*

³ Atentado em russo (*N. Ed.*)

vemos todas as nossas vitórias e os nossos sucessos ao grande Stáline», etc. Depois da sua morte mudaram de atitude. Foram os khruchovistas que abafaram a voz do partido, abafaram a voz da classe operária e encheram os campos de concentração de patriotas; foram eles que libertaram da prisão os traidores, os trotskistas e todos os inimigos, de quem o tempo e os factos tinham provado, assim como a sua luta actual como dissidentes o confirma, a hostilidade ao socialismo e o papel de agentes ao serviço dos inimigos capitalistas estrangeiros.

Foram os khruchovistas que, secreta e misteriosamente, «*julgaram*» e condenaram, não apenas os revolucionários soviéticos, mas também numerosas pessoas doutros países. Nas minhas notas, evoco uma reunião com os dirigentes soviéticos Khruchov, Mikoian e Mólotov, entre outros. Mikoian devia deslocar-se à Áustria, e Mólotov, brincando, disse-lhe: «*toma atenção, não faças uma “salada” na Áustria como fizeste na Hungria*».

Perguntei imediatamente a Mólotov: «*Porquê? foi Mikoian que fez a “salada” na Hungria?*». Ele respondeu afirmativamente e acrescentou que se Mikoian lá fosse o enforcariam. Mikoian, esse cosmopolita antimarxista camuflado, respondeu: «*Se me enforcarem, também enforarão Kadar*». Mas mesmo que os dois fossem enforcados, as suas intrigas e baixezas continuariam contrárias a toda a moral.

Khruchov, Mikoian e Suslov apoiaram de início o conspirador Imre Nagy; depois condenaram-no e fizeram-no executar em segredo algures na Roménia! Com que direito procederam assim com um estrangeiro? Mesmo sendo um conspirador, era ao julgamento do seu Estado que devia ser submetido e nunca à lei ou ao julgamento dum tribunal estrangeiro. Nunca Stáline se rebaixou com práticas destas.

Não, Stáline nunca agiu assim. No seu tempo, os processos contra os traidores ao partido e ao Estado soviético eram públicos. Dava-se a conhecer ao partido e ao povo soviético os crimes que os traidores tinham perpetrado. Não encontramos semelhantes práticas mafiosas em nenhuma acção de Stáline, encontramos-las sim nas acções dos chefes de fila revisionistas soviéticos.

Os revisionistas soviéticos usaram e continuam a usar os mesmos métodos na luta que travam entre si pelo poder, à imagem do que se faz em todos os países capitalistas. Khruchov tomou o poder com um golpe de Estado e foi também com um golpe de Estado que Bréjnev o destronou.

Bréjnev e os seus companheiros desembaraçaram-se de Khruchov para defender a política e a ideologia revisionistas do descrédito e da exposição que advinham dos comportamentos, das acções insensatas, das extravagâncias e gestos deslocados de Khruchov. Bréjnev nunca renegou o khruchovismo, os relatórios e as decisões dos XX e XXII congressos que incarnavam esta corrente. Mas Bréjnev mostrou-se tão ingrato com Khruchov, quem antes tanto elogiava, que quando este morreu não encontrou um canto junto à muralha do Krémelin para aí colocar as suas cinzas! Por outro lado, nem os povos soviéticos, nem a opinião mundial foram jamais informados das verdadeiras razões do afastamento de Khruchov. Ainda hoje a «*causa principal*» apresentada nos documentos oficiais é «*a sua idade avançada e o agravamento do seu estado de saúde*»!

Stáline não era de forma alguma o homem que os inimigos do comunismo acusaram e acusam de ter sido. Pelo contrário, ele guiava-se pelos princípios e pela justiça. Conforme os casos, sabia ajudar ou combater aqueles que cometiam erros, sabia apoiar e encorajar aqueles que serviam fielmente o marxismo-leninismo realçando

os seus méritos. Conhece-se o processo de Rokossóvski e de Júkov. Quando Rokossóvski e Júkov caíram em erro, foram criticados e destituídos, mas não rejeitados como incorrigíveis; pelo contrário, foram ajudados fraternalmente e, logo que se verificou que se tinham corrigido, Stáline promoveu-os, nomeou-os marechais, e durante a grande guerra patriótica confiou-lhes tarefas extremamente importantes nas principais frentes de guerra contra os invasores hitlerianos. Só um dirigente com uma clara concepção marxista-leninista da apreciação do trabalho dos homens, com os seus méritos e os seus defeitos, e que aplicava esta justa concepção na prática, poderia agir como Stáline agiu.

Com a morte de Stáline, o marechal Júkov tornou-se um instrumento de Nikita Khruchov e do seu grupo, apoiou as acções de traição deste último contra a União Soviética, contra o partido bolchevique e Stáline. Por fim, depois de ter espremido Júkov como um limão, Nikita Khruchov afastou-o. Agiu da mesma maneira em relação a Rokossóvski e a numerosos outros quadros importantes.

Muitos comunistas soviéticos foram enganados pela demagogia do grupo revisionista khruchovista e acreditaram que depois da morte de Stáline a União Soviética se iria tornar realmente um paraíso, como apregoavam os traidores revisionistas. Declararam pomposamente que o comunismo seria instaurado na União Soviética em 1980! Mas que se passou de facto? Aconteceu exactamente o contrário, como era inevitável. Os revisionistas tomaram o poder, não para fazer prosperar a União Soviética, mas, como de facto fizeram, para a reconverter num país capitalista, para a submeter economicamente ao capital mundial, para celebrar acordos, secretos ou não, com o imperialismo americano, para submeter os povos dos países de democracia popular a coberto de tratados militares e económicos, para manter estes Estados sob o seu jugo e para criar mercados e zonas de influência no mundo. Eis a verdadeira face dos khruchovistas, que aproveitaram a feliz edificação do socialismo na União Soviética e reorientaram as suas realizações numa via tão nefasta que criaram uma nova burguesia social-imperialista, para fazer desse país uma potência imperialista mundial, que dominaria o mundo conjuntamente com os Estados Unidos. Stáline tinha posto em guarda o partido contra tal perigo. O próprio Khruchov nos confessou que Stáline tinha predito que eles venderiam a União Soviética ao imperialismo. E foi de facto o que aconteceu, as suas previsões confirmaram-se.

Os povos do mundo, o proletariado mundial, os homens sensatos e justos podem julgar por si próprios a justeza das posições de Stáline nas situações criadas. Só se pode avaliar da justeza da linha marxista-leninista seguida por Stáline encarando-a numa larga óptica política, ideológica, económica e militar.

Com a sua propaganda e falsificando a história, a burguesia e os revisionistas obscureceram a mente das pessoas em relação à actividade de Stáline; mas agora que aprenderam a conhecer os khruchovistas, os titistas, os maoístas, os «eurocomunistas» e outros revisionistas, agora que sabem o que foram os hitlerianos e o que são os imperialistas americanos e o capitalismo mundial, compreendem porque se batia Stáline, porque se batiam os bolcheviques, porque se batem os proletários e os autênticos marxistas-leninistas e compreendem também porque lutam os seus inimigos, as correntes ao serviço do capitalismo, porque lutam os revisionistas. Enganam-se e enganar-se-ão sempre todos aqueles que pensam que o comunismo «foi um fiasco». A vida mostra diariamente que a nossa doutrina continua viva e imbatível.

Ao apreciarem a obra de Stáline no seu conjunto, cada qual pode persuadir-se da genialidade e do espírito comunista desta personalidade notável, de uma envergadura que o mundo moderno raramente teve oportunidade de conhecer.

(...)

Como militante do nosso partido, como seu dirigente, tive a honra de ser várias vezes mandatado para me encontrar com o camarada Stáline, conversar com ele sobre os nossos problemas e a nossa situação e solicitar os seus conselhos e a sua ajuda. Esforcei-me por escrever as minhas recordações destes encontros no contexto daquela época, a partir das minhas impressões do momento e da atitude de Stáline para com o representante de um pequeno partido e de um pequeno povo. Ao decidir publicar estas memórias na sua simplicidade, moveu-me o desejo de ajudar, mesmo que pouco, os nossos comunistas, os nossos trabalhadores e a nossa juventude a conhecer a figura deste homem imortal.

(...)

Hoje, na comemoração deste grande jubileu do nascimento de Stáline, é o momento oportuno para as pessoas honestas de todo o mundo reflectirem para encontrarem o caminho justo, dissiparem a nublosa criada nos espíritos pela burguesia capitalista e revisionista a fim de entorpecer o impulso revolucionário, as ideias revolucionárias das massas. O pensamento e a acção revolucionários guiarão os homens de boa vontade, as pessoas justas, as pessoas do povo, no caminho da sua libertação do jugo do capital.

Ao celebrar a memória de Stáline e a sua obra no centenário do seu nascimento, nós, marxistas-leninistas, não podemos deixar de nos dirigir directamente aos povos da União Soviética para lhes dizer com toda a sinceridade e franqueza:

Vós que, com o nome de Stáline nos lábios, enfrentastes e vencestes os inimigos mais perigosos da humanidade, que fareis por ocasião deste grande jubileu, calar-vos-eis?

Os revisionistas khruchovistas, que disseram de Stáline as piores baixezas, como não podem deixar totalmente à sombra o seu nome e a sua obra notável escreverão possivelmente a seu respeito algumas palavras vazias. Mas vós, que fizestes a Grande Revolução de Outubro, tendes o dever de evocar com profundo respeito o vosso guia esclarecido.

(...)

Os meus encontros com Stáline

Primeiro encontro

Julho 1947

A situação externa da RPA. As relações com os Estados vizinhos e com os anglo-americanos. O incidente de Corfu — No Tribunal de Haia. A situação política, económica, social e de classe na Albânia. Stáline interessa-se muito pelo nosso país, pelo nosso povo e pelo nosso partido, que tem em grande estima. *«Não é lógico que um partido no poder se mantenha na clandestinidade. O vosso Partido Comunista poderia chamar-se Partido do Trabalho».*

Cheguei a Moscovo a 14 de Julho de 1947 dirigindo a primeira delegação oficial do Governo da República Popular e do Partido Comunista da Albânia para uma visita de amizade à União Soviética.

Os meus camaradas e eu, que tínhamos sido designados pelo Comité Central do partido para esta visita a Moscovo, sentimos uma alegria indescritível ao encontrar o grande Stáline. Desde os nossos primeiros contactos com a teoria marxista-leninista que sonhávamos dia e noite em encontrar Stáline. Este desejo aumentou ainda mais durante a nossa luta antifascista de libertação nacional. Depois das eminentes figuras de Marx, Engels e Lénine, o camarada Stáline era-nos extremamente querido e tínhamos por ele um imenso respeito, pois os seus ensinamentos guiaram-nos na fundação do Partido Comunista da Albânia enquanto partido leninista, inspiraram-nos durante a nossa luta de libertação nacional e continuam a ser-nos preciosos na construção do socialismo.

Os nossos encontros com Stáline e os seus conselhos iriam servir-nos de guia no vasto e árduo trabalho de consolidação das vitórias alcançadas.

Por isso, a nossa primeira visita à União Soviética despertava uma alegria indescritível e uma imensa satisfação, não só nos comunistas e em nós próprios, membros da delegação, mas também em todo o povo albanês que a aguardava com impaciência e a aplaudia com grande entusiasmo.

Vimos e sentimos no coração a grande cordialidade, calor e afeição com que Stáline e o Governo Soviético receberam a nossa delegação. Durante os 12 dias que passámos em Moscovo encontrámo-nos várias vezes com Stáline e as conversações que com ele tivemos, tal como as suas recomendações e conselhos sinceros, foram e mantêm-se preciosos para sempre.

Guardarei uma recordação inesquecível do dia do meu primeiro encontro com Iossif Vissariónovitch Stáline. Foi a 16 de Julho de 1947 e estávamos em Moscovo há três dias. Foi, desde o início, um dia extraordinário. De manhã fomos ao Mausoléu do grande Lénine onde nos inclinámos em profunda homenagem ao grande e genial dirigente da revolução, homem cujo nome e obra colossal estavam profundamente gravados nos nossos espíritos e corações e nos tinham desde sempre guiado no caminho glorioso da luta pela liberdade, pela revolução e pelo socialismo. Em nome do povo albanês, do nosso Partido Comunista e em meu nome pessoal colo-

quei uma coroa de flores junto do Mausoléu do imortal Lénine. Depois de termos visitado os túmulos dos valorosos combatentes da Revolução Socialista de Outubro, dos destacados militantes do partido bolchevique e do Estado soviético, junto ao Krémelin, dirigimo-nos ao Museu Central de Vladímir Ilitch Lénine. Dedicámos mais de duas horas a percorrer todas as salas, a examinar os documentos e objectos expostos que ilustravam em detalhe a vida e a obra insignes do grande Lénine. Antes de sair escrevi no *Livro dos Visitantes*, entre outras, as seguintes palavras: «*A causa de Lénine perdurará imortal nas gerações futuras. A sua memória viverá para sempre no coração do povo albanês.*»

Foi precisamente neste dia repleto de inesquecíveis impressões e emoções, que fomos recebidos pelo discípulo e fiel continuador da obra de Lénine, Iossif Vissaríonovich Stáline, com quem tivemos uma longa entrevista.

Logo nos primeiros momentos criou-nos um ambiente tão fraterno que rapidamente nos libertámos da natural emoção que sentíamos ao entrar no seu gabinete, uma grande sala com uma comprida mesa de reuniões encostada à secretária. Alguns minutos depois de trocadas as primeiras palavras, já estávamos tão descontraídos que tínhamos a sensação de não estar a falar com o grande Stáline, mas a um velho amigo com quem já tivéssemos estado imensas vezes. Nesse tempo eu era ainda relativamente jovem e representava um pequeno partido e um pequeno povo, pelo que Stáline, para criar um ambiente tão caloroso e amigável quanto possível, recheou as suas palavras de gentilezas e falou com grande amor e profundo respeito do nosso povo, das suas antigas tradições combativas e do seu heroísmo na luta de libertação nacional. Falava calma e pausadamente, com um calor particularmente comunicativo.

O camarada Stáline confiou-me, entre outras coisas, que sentia uma profunda simpatia pelo nosso povo, esse velho povo dos Balcãs possuidor de uma longa e heróica história.

«*Conheço especialmente*», disse ele, «*o heroísmo de que o povo albanês deu provas durante a sua luta antifascista de libertação nacional, mas os conhecimentos que possuo não são suficientemente vastos e profundos. Por isso queria que me falasse um pouco do seu país, do seu povo e dos problemas que actualmente vos preocupam.*»

Tomei então a palavra e descrevi ao camarada Stáline o longo e glorioso caminho percorrido pelo nosso povo na sua história, as suas lutas incessantes pela liberdade e pela independência. Detive-me particularmente no período da nossa luta de libertação nacional, falei-lhe da fundação do nosso Partido Comunista enquanto partido de tipo leninista, do papel decisivo que tem desempenhado enquanto única força dirigente da luta e dos esforços do povo albanês para conquistar a liberdade e a independência da sua pátria, derrubar o antigo poder feudal-burguês, instaurar o novo poder popular e encaminhar com êxito o país para profundas transformações socialistas. Nesta altura agradei uma vez mais ao camarada Stáline e exprimi-lhe o profundo reconhecimento dos comunistas e de todo o povo albanês pelo caloroso apoio que o Partido Comunista da URSS (bolchevique), o Governo soviético e ele próprio tinham dado ao nosso povo e ao nosso partido durante a guerra e após a libertação da pátria.

Falei em seguida ao camarada Stáline das profundas transformações políticas, económicas e sociais realizadas ou, passo a passo, em curso de realização, durante

os primeiros anos de poder popular na Albânia. «*A situação interna da Albânia no plano político e económico*», disse-lhe entre outras coisas, «*apresenta nítidas melhorias, que se devem à justa compreensão da necessidade de se ultrapassar as dificuldades e aos grandes esforços do povo e do partido para as superar com o seu trabalho incansável. O nosso povo está decidido a seguir o seu caminho e tem uma confiança inabalável no nosso Partido Comunista, no Governo da nossa República Popular, nas suas forças produtivas e nos seus amigos sinceros, e, animado dum elevado espírito de mobilização, abnegação e entusiasmo, realiza a cada dia as tarefas que lhe cabem.*»

O camarada Stáline regozijou-se com os sucessos do nosso povo e do nosso partido na sua obra de construção e, em seguida, pediu mais informações sobre a situação das classes no nosso país. Interessou-se sobretudo pela nossa classe operária e pelos camponeses. Fez-me uma série de perguntas acerca destas duas classes da nossa sociedade e trocámos a esse propósito numerosas ideias que no futuro viriam a revelar-se úteis para edificarmos um trabalho sólido no seio da classe operária e dos camponeses pobres, e também para definirmos as atitudes a tomar face aos elementos abastados das cidades e aos kulaques dos campos.

«*A esmagadora maioria da nossa população*», respondi entre outras coisas ao camarada Stáline, «*é constituída por camponeses pobres e alguns camponeses médios. A nossa classe operária é numericamente reduzida; temos também um certo número de pequenos artesãos, comerciantes retalhistas e uma minoria de intelectuais. Toda esta massa de trabalhadores respondeu ao apelo do nosso Partido Comunista, mobilizou-se na luta pela libertação da pátria e está hoje estreitamente ligada ao partido e ao poder popular.*»

«— *A classe operária albanesa tem tradições na luta de classes?*», perguntou-me o camarada Stáline.

«— *Antes da libertação do país*», respondi, «*a classe operária era muito restrita numericamente, acabava de surgir e compunha-se de um certo número de operários assalariados, aprendizes e artesãos dispersos por pequenas oficinas e empresas. No entanto, nalgumas cidades do país, os operários faziam greves, mas eram movimentos pouco importantes e isolados, devido ao pequeno número de operários e à falta de organização sindical. Apesar de tudo isto*», expliquei ao camarada Stáline, «*o nosso Partido Comunista foi fundado enquanto partido da classe operária guiado pela ideologia marxista-leninista, para traduzir e defender os interesses do proletariado e das largas massas trabalhadoras, em primeiro lugar os interesses dos camponeses que representavam a maioria da nossa população.*»

O camarada Stáline quis saber pormenores da situação dos camponeses pobres e médios no nosso país.

Ao responder às suas perguntas falei-lhe da política seguida pelo nosso partido desde a sua fundação e do importante trabalho que sob todos os aspectos levou a cabo para se apoiar no campesinato e ganhar a sua simpatia.

«*Se actuámos assim*», disse eu, «*foi porque partimos do princípio marxista-leninista de que o campesinato é o aliado mais próximo e natural do proletariado na revolução e também porque na Albânia o campesinato representava a esmagadora maioria da população e sempre se caracterizara através dos séculos por grandes tradições patrióticas e revolucionárias.*» No seguimento da nossa conver-

sa procurei caracterizar a situação económica dos camponeses antes da libertação, bem com o seu nível cultural e técnico. Ressaltando sempre as grandes virtudes do nosso campesinato, patriota, trabalhador, estreitamente ligado à terra e à pátria, sedento de liberdade e progresso, referi-lhe também as acentuadas sobrevivências do passado e o atraso económico e cultural dos nossos camponeses, assim como a mentalidade pequeno-burguesa enraizada na sua consciência. «*O nosso partido*», referi eu, «*tem lutado com todas as suas forças contra esta situação e temos obtido sucessos neste campo, mas sabemos que precisamos de lutar mais e melhor para levar o campesinato a tomar consciência, a abraçar a linha do partido e a aplicá-la em todas as circunstâncias.*»

Tomando a palavra o camarada Stáline disse que geralmente, de início, os camponeses receiam o comunismo, imaginam que os comunistas lhes querem tirar as suas terras e haveres. «*Os inimigos*», prosseguiu, «*levam a cabo junto dos camponeses um grande trabalho de persuasão nesse sentido, com o fim de os desviar da aliança com a classe operária, de os afastar da política do partido e do caminho do socialismo. Daí a enorme importância de que se reveste um trabalho atento e clarividente do partido para que, como o camarada ressaltou, o campesinato se ligue indissolivelmente ao partido e à classe operária.*»

Nesta altura descrevi ao camarada Stáline, em traços gerais, a estrutura social de classe do nosso partido e expliquei-lhe que essa estrutura correspondia fielmente à estrutura social do nosso povo. «*É esta a razão pela qual, de momento, os comunistas provenientes das camadas do campesinato constituem a maioria nas fileiras do nosso partido. A política do nosso partido neste campo consiste em fazer crescer, passo a passo e paralelamente ao crescimento da classe operária, o número dos seus membros de origem operária.*»

Apreciando a justa política seguida pelo nosso partido em relação às massas em geral e ao campesinato em particular, o camarada Stáline deu-nos amigavelmente uma série de conselhos úteis para o nosso trabalho futuro. Sugeriu, entre outras coisas, que o nosso Partido Comunista se passasse a chamar «*Partido do Trabalho da Albânia*», dado que a maioria dos seus membros era de origem camponesa. «*De qualquer modo*», observou, «*é uma ideia pessoal e, naturalmente, sereis vós, o vosso partido, a decidir.*»

Após ter agradecido ao camarada Stáline esta preciosa sugestão, disse-lhe:

«*Vamos submeter a sua proposta ao I Congresso que estamos a preparar e estou convencido que tanto a base do partido como a sua direcção a considerarão oportuna e a aprovarão*». Depois expus ao camarada Stáline o nosso ponto de vista sobre a legalização integral do nosso partido no seu I Congresso.

«*Na realidade*», disse-lhe entre outras coisas, «*o nosso Partido Comunista foi e continuará a ser a única força dirigente de toda a vida do país, mas, do ponto de vista formal, mantém-se numa situação de semiclandestinidade. Não nos parece correcto que esta situação se prolongue.*»⁴

⁴ O 11.º Plenário do CC do PCA, reunido de 13 a 24 de Setembro de 1948, e o I Congresso do PCA decidiram a legalização integral e imediata do PCA. Tanto o Plenário como o Congresso consideraram que a manutenção do partido num estado de semiclandestinidade tinha sido um erro derivado das pressões e da influência da direcção trotskista jugoslava que, com objectivos bem determinados, considerando a Frente como a principal força dirigente do país, tentava dissolver o partido na Frente, subestimando e portanto negando o

«— *Sim, é verdade*», respondeu o camarada Stáline. «*Não é lógico que um partido no poder permaneça na clandestinidade e que se considere ilegal.*»

Passando a outros assuntos relacionados com as nossas forças armadas, expliquei ao camarada Stáline que o nosso exército, nascido da luta, se compunha maioritariamente de camponeses pobres, jovens operários e intelectuais das cidades. Quanto aos quadros do exército, também os oficiais que comandam nasceram da luta e foi na luta que adquiriram a sua experiência.

Falei-lhe igualmente dos instrutores soviéticos que trabalham no nosso país e pedi-lhe que nos enviasse mais alguns. «*Como temos falta de experiência*», disse-lhe, «*o nível do nosso trabalho político no exército é insuficiente pelo que lhe peço para considerar este assunto e nos ajudar a elevar o nível deste trabalho no exército. É verdade que também temos instrutores jugoslavos*», acrescentei, «*e não se pode dizer que não tenham experiência, mas, na realidade, a sua experiência é limitada. Também se formaram numa grande luta de libertação nacional, mas apesar de tudo não têm o nível dos oficiais soviéticos.*»

Depois de lhe ter falado acerca do elevado moral do nosso exército, da disciplina e de uma série de outras questões, pedi ao camarada Stáline para designar um camarada soviético com quem pudesse discutir com maior profundidade e pormenor os problemas do nosso exército e as suas necessidades futuras.

Abordei em seguida o problema do reforço do nosso litoral.

«*Precisamos, em particular, de reforçar a ilha de Sazan, o litoral de Vlora e de Durrës pois são posições muito delicadas. Foi por aí que o inimigo nos atacou duas vezes. É aí que poderemos vir a ter de enfrentar um eventual ataque dos anglo-americanos ou dos italianos.*»

«— *A respeito do reforço do vosso litoral*», disse entre outras coisas o camarada Stáline, «*partilho a vossa opinião. Pela nossa parte ajudar-vos-emos, mas devem ser os albaneses e não os soviéticos a usar as armas e os outros meios de defesa que vos fornecermos. É verdade que o mecanismo de algumas armas é complicado, mas precisam de enviar a vossa gente ao nosso país para aprenderem a manejá-las.*»

Com respeito ao meu pedido de envio de instrutores políticos para o nosso exército, o camarada Stáline explicou-me que não podiam enviar-nos mais porque esses instrutores, para fazerem um trabalho produtivo, antes de mais, tinham de conhecer bem a língua, a situação interna e a vida do povo albanês. «*Assim, é preferível*», disse, «*que sejais vós a enviar para a União Soviética camaradas que aprendam a experiência soviética para em seguida a aplicarem nas fileiras do exército popular albanês.*»

Depois o camarada Stáline interrogou-me acerca das conspirações da reacção interna na Albânia e da nossa atitude em relação a elas.

«*Golpeámos e continuamos a golpear duramente a reacção interna*», respondi. «*Temos obtido êxitos na luta para a desmascarar e esmagar. Quanto à liquidação física dos inimigos, ela tem-se dado tanto durante os choques directos das nossas forças com os bandos armados de criminosos, como através da execução das sentenças dos tribunais populares na sequência de processos contra os traidores e os*

próprio Partido Comunista e o seu papel dirigente, tanto na Frente como em toda a vida do país.

colaboracionistas. Apesar dos sucessos alcançados neste campo nem por isso podemos afirmar que a reacção interna esteja actualmente inactiva. Apesar de não conseguir organizar-se para nos atacar com perigo, continua a fazer propaganda contra nós.

«O inimigo externo apoia o inimigo interno para alcançar os seus próprios objectivos. A reacção externa esforça-se por ajudar, encorajar e organizar os nossos inimigos internos através dos agentes que têm infiltrado no país por terra e ar. Face às tentativas do inimigo temos mantido a vigilância revolucionária das massas trabalhadoras. O povo tem capturado agentes que foram entregues à justiça numa série de processos. Os julgamentos e as condenações públicas tiveram um grande efeito educativo na população e reforçaram a sua confiança na força e no sentido de justiça do nosso poder popular e, simultaneamente, o respeito do povo por este. Ao mesmo tempo estes julgamentos desmascararam e desmoralizaram as forças reaccionárias internas e externas.»

Na sequência deste encontro com o camarada Stáline, discutimos longamente os problemas da situação externa e em particular as relações do nosso Estado com os países vizinhos. Comecei por expor a situação nas nossas fronteiras e falei-lhe das boas relações que tínhamos com a República Federativa Popular da Jugoslávia, detendo-me em particular nas nossas relações com a Grécia para lhe explicar a situação na fronteira sul. Disse-lhe que os monarco-fascistas gregos, não tendo conseguido realizar o seu sonho da «*megáli idéa*»,⁵ ou seja, a anexação do Sul da Albânia, persistem no entanto nas provocações nas nossas fronteiras. «*O seu objectivo*», afirmei ao camarada Stáline, «*é provocar uma conflagração na nossa fronteira e criar uma situação tensa nas relações entre nós e a Grécia mesmo antes de a guerra terminar totalmente.*» Expliquei-lhe que nos esforçávamos, tanto quanto possível, para evitar as provocações dos monarco-fascistas gregos e não lhes responder. «*Só quando, por vezes, levam as coisas ao extremo e matam os nossos homens, é que nós ripostamos para que compreendam que a Albânia e as suas fronteiras são invioláveis. Se tencionam levar a cabo acções que ponham em perigo a independência da Albânia, é preciso que saibam que estamos em condições de defender a nossa pátria.*

«Os monarco-fascistas são encorajados e apoiados pelas potências imperialistas nos seus intentos e nas suas conspirações para fazer cair sobre a Albânia a responsabilidade da guerra civil que se desencadeou na Grécia e desacreditar o nosso poder popular nas reuniões do Conselho de Segurança e noutras conferências internacionais.» Após ter exposto amplamente a Stáline estas questões, informei-o na generalidade das atitudes que adoptávamos na comissão de inquérito e nas subcomissões que tinham sido criadas para examinar a tensão nas relações entre a Albânia e a Grécia.

Disse ao camarada Stáline tudo o que sabíamos acerca da situação dos democratas gregos e falei-lhe também do apoio que dávamos à sua justa luta. Não me coibi de expressar abertamente a nossa posição em relação a uma série de pontos de vista dos camaradas do Partido Comunista da Grécia que nos pareciam errados. Trans-

⁵ Em grego «*Grande Ideia*». Trata-se de um conceito nacionalista dos séculos XIX e XX, que inicialmente visava unir todos os gregos num só Estado, com capital em Constantinopla (actual Istambul). (N. Ed.)

miti-lhe igualmente a minha opinião a propósito das perspectivas da luta dos democratas gregos.

Embora o camarada Stáline tivesse certamente sido informado pelos camaradas Mólotov, Vichínski, etc., acerca das atitudes brutais e infames dos imperialistas ingleses e americanos em relação à Albânia, não hesitei em retomar o assunto colocando a tónica nas suas tomadas de posição hostis, simultaneamente brutais e dissimuladas, em relação a nós, na Conferência de Paris. Fiz-lhe notar igualmente que a situação das nossas relações com os anglo-americanos em nada tinha mudado e que continuávamos a considerar a atitude deles como ameaçadora. Não contentes em prosseguir uma propaganda muito hostil contra a Albânia na arena internacional, os anglo-americanos dedicavam-se a fazer provocações terrestres e aéreas a partir da Grécia e da Itália e a ajudar elementos subversivos albaneses, zoguistas, ballistas⁶ e fascistas emigrados, que tinham reunido, organizado e treinado em antigos campos de concentração remodelados para esse fim em Itália e noutros sítios.

Referi igualmente a questão do alegado incidente de Corfu, que os imperialistas ingleses levaram ao Conselho de Segurança da ONU e o exame deste caso pelo Tribunal Internacional de Justiça de Haia. *«O incidente de Corfu»*, acrescentei, *«foi montado pelos ingleses da primeira à última peça, com vista a provocar o nosso país e a procurar um pretexto para uma eventual intervenção militar na cidade de Saranda. Nós não colocámos minas no mar Jónio. Com respeito às que explodiram, ou foram os alemães que as colocaram durante a guerra, ou então foram os próprios ingleses que as lá puseram intencionalmente para as fazer explodir no momento em que alguns dos seus navios atravessassem as nossas águas territoriais ao largo de Saranda. Não havia nenhuma razão para esses navios passarem junto das nossas costas e nem disso fomos avisados. Após o rebentamento das minas os ingleses afirmaram ter sofrido danos materiais e perdas humanas. Tentavam portanto empolar o incidente. Não sabemos se os ingleses realmente sofreram os danos de que falam, mas não acreditamos no que dizem. Mesmo que fosse verdade, não seríamos nós os responsáveis.»*

«Estamos a defender a nossa posição no Tribunal Internacional de Justiça de Haia, mas a verdade é que este tribunal é manipulado pelos imperialistas anglo-americanos, que forjam as mais diversas acusações para encobrir as suas próprias provocações e nos obrigarem a indemnizar os ingleses.»

Também falei ao camarada Stáline da Conferência de Moscovo,⁷ e expus-lhe o nosso ponto de vista, apoiado em argumentos, sobre a doutrina de Truman a propósito da Grécia e das ingerências dos anglo-americanos nos assuntos internos da República Popular da Albânia. Esclareci a nossa posição a respeito do plano Mar-

⁶ Os zoguistas, partidários do rei Zog, e os ballistas, membros do Partido da Frente Nacional (PBK ou *Partia Balli Kombëtar*) apoiados pelos latifundiários e parte do campesinato, conduziram uma guerra civil contra a instauração do poder socialista na Albânia (N. Ed.)

⁷ De 10 de Março a 24 de Abril de 1947 reuniu-se em Moscovo a Conferência dos Ministros dos Estrangeiros da União Soviética, Estados Unidos, Grã-Bretanha e França. Esta Conferência discutiu questões relacionadas com o Tratado de Paz com a Alemanha. Os representantes da União Soviética, Mólotov e Vichínski, defenderam o direito à participação da Albânia na Conferência de Paz com a Alemanha. O representante francês defendeu igualmente esta posição, mas os representantes da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos opuseram-se a ela.

shall, sublinhando que não aceitaríamos qualquer «ajuda» no quadro desse plano infame.

Também discuti com ele o problema da extradição dos criminosos de guerra evadidos do nosso país. Exigíamos legitimamente que os governos dos países nos entregassem os criminosos a quem tinham dado asilo para prestarem contas dos seus crimes ao povo. No entanto estávamos conscientes de que não o fariam, pois esses criminosos constituem reservas dos anglo-americanos e do fascismo em geral.

Expus também ao camarada Stáline o ponto de vista do nosso partido sobre as relações com a Itália.

«Este país», disse eu, «atacou-nos por duas vezes. Pôs-nos a ferro e fogo, mas nós somos marxistas, internacionalistas e, enquanto tal, desejamos manter relações de amizade com o povo italiano. O actual governo italiano», sublinhei, «mantém em relação a nós atitudes reaccionárias; os seus desígnios para com o nosso país não diferem dos dos anteriores governos italianos. Encontrando-se sob a influência dos anglo-americanos, este governo desejaria que a Albânia, de um modo ou de outro se lhe submetesse, o que nunca acontecerá. É com este fim», prossegui, «que os anglo-americanos, conluídos com o governo de Roma, equipam e treinam em território italiano efectivos de emigrados que, em seguida, lançam como agentes subversivos na Albânia. Procurando camuflar-se, multiplicam as suas investidas contra o nosso país, mas nós conhecemos bem todos os seus objectivos. Desejamos manter relações diplomáticas com este país, mas, a este respeito, os governantes italianos encaram as coisas de um modo negativo.»

Stáline escutou-me atentamente e, no fim, disse-me que os americanos e ingleses, apesar das dificuldades e dos obstáculos que nos levantam, não podem atacarnos nas condições actuais. «Face à vossa atitude resoluta», disse, «eles não ousarão desembarcar no vosso território pelo que não deveis inquietar-vos; mas nem por isso deveis deixar de defender a vossa pátria; deveis tomar todas as medidas para reforçar o vosso exército e fronteiras, pois o perigo de guerra da parte dos imperialistas existe.

«Os monarco-fascistas gregos», prosseguiu, «empurrados e encorajados pelos imperialistas americanos e ingleses, continuarão a provocar-vos só para vos causarem problemas e não vos deixarem tranquilos. Os actuais governantes de Atenas têm mais em que pensar pois a guerra civil que lá se desencadeou é dirigida contra eles e os seus patrões ingleses e americanos.

«No que respeita à Itália», acrescentou o camarada Stáline, «as coisas passam-se como pensais. Aí os anglo-americanos procurarão instalar bases nesse país, organizar a reacção e fortalecer o governo de De Gasperi. Deveis mostrar-vos vigilantes e manter-vos informados do que por lá fazem os emigrados albaneses. Enquanto os tratados não forem concluídos, a situação não se pode considerar normalizada. Tenho a opinião de que, para já, não podereis estabelecer relações com esse país, pelo que não deveis precipitar-vos.»

«— Também nós pensamos», referi eu ao camarada Stáline, «que não devemos apressar-nos na evolução das nossas relações com a Itália e contamos tomar, de um modo geral, diversas medidas para reforçar as nossas fronteiras.

«Propusemos aos jugoslavos», prossegui, «contactos e cooperação com vista à defesa das nossas fronteiras contra um eventual ataque grego ou italiano, mas eles não responderam à nossa proposta com o pretexto de que a discutiriam con-

nosco depois de terem estudado o problema. A colaboração que propomos consiste em trocas de informação com os jugoslavos sobre os perigos que os inimigos externos nos podem causar, para que cada um possa tomar as medidas adequadas, nas suas fronteiras e com o seu próprio exército, para fazer frente a qualquer eventualidade.» Comuniquei-lhe igualmente que tínhamos enviado duas das nossas divisões para a fronteira sul. Além disso, sublinhei o facto de alguns aviões jugoslavos terem aterrado em Tirana, ao arrepio das regras reconhecidas e aprovadas nas relações entre Estados. «*Por vezes*», disse, «*sem nos avisarem, os camaradas jugoslavos entregam-se a este tipo de acções condenáveis. Não é justo que os aviões jugoslavos sobrevoem o território albanês sem que o nosso governo seja avisado. Apontámos claramente este erro aos camaradas jugoslavos e eles reconheceram-no. Apesar de sermos amigos não podemos permitir-lhes que violem a nossa integridade territorial. Somos Estados independentes e, sem pôr em causa as nossas relações de amizade, cada um de nós deve defender a sua soberania e os seus direitos respeitando simultaneamente a soberania e os direitos do outro.*»

«— *O vosso povo não está satisfeito com as relações da Albânia com a Jugoslávia?*» — perguntou-me então o camarada Stáline. «*É muito bom poderem ter a Jugoslávia amiga como vizinho, pois a Albânia é um pequeno país e, por isso, tem necessidade dum forte apoio por parte dos seus amigos.*»

Respondi que é de facto verdade que cada país, pequeno ou grande, tem necessidade de amigos e aliados e que nós considerávamos a Jugoslávia um país amigo.

Discutimos em pormenor com os camaradas Stáline e Mólotov os problemas da reconstrução do país destruído pela guerra e a construção da nova Albânia. Tracei-lhe um breve quadro da situação da nossa economia, das primeiras transformações socialistas neste campo e das grandes perspectivas que se nos abriam, dos sucessos obtidos, dos grandes problemas e dificuldades que enfrentávamos. Stáline exprimia a sua satisfação pelos êxitos alcançados e fazia, de vez em quando, as mais diversas perguntas. Interessou-se em particular pela situação da nossa agricultura, pelas condições climatéricas da Albânia, pelas culturas tradicionais do nosso povo, etc.

«*Quais são os cereais mais cultivados?*» — perguntou-me.

«— *Em primeiro lugar o milho, depois o trigo, o centeio...*»

«— *O milho não se dá mal com a seca?*»

«— *É verdade que a seca nos causa frequentemente grandes prejuízos*», respondi, «*mas, devido ao atraso da nossa agricultura e às nossas grandes carências em cereais panificáveis, o nosso camponês habituou-se a semear mais milho que trigo. Entretanto, estamos a tomar medidas para criar uma rede de canais de drenagem e irrigação para secar os pântanos e pauis.*»

Stáline escutava as minhas respostas, interrogava-me detalhadamente e intervinha com frequência para nos dar conselhos preciosos. Recordo-me de me ter perguntado, no decorrer destas conversas, sobre que bases se tinha efectuado a reforma agrária, qual era a percentagem de terras entregues aos camponeses pobres e médios, se as instituições religiosas tinham sido abrangidas pela reforma, etc.

Evocando a ajuda que o Estado de democracia popular dá ao campesinato e os laços da classe operária com ele, Stáline interrogou-nos acerca dos tractores, quis saber se na Albânia havia parques de máquinas e tractores e como estavam organizados. Depois da minha resposta começou a desenvolver o tema e deu-nos uma série de conselhos úteis.

«Deveis», disse entre outras coisas, «criar parques de máquinas e tractores, reforçá-los e pôr essa maquinaria a trabalhar cuidadosamente as terras das cooperativas e dos camponeses, em pé de igualdade com as terras do Estado.

«Os tractoristas devem estar ao serviço do campesinato, devem conhecer a agricultura, as culturas e as terras e aplicar os seus conhecimentos na prática, a fim de aumentar a produção a todo o custo. Isto é muito importante, pois a não ser feito os efeitos negativos far-se-ão sentir por toda a parte. Quando pusemos a funcionar os primeiros parques de máquinas e tractores, os tractoristas trabalhavam frequentemente a terra dos camponeses, mas, apesar disso, a produção não aumentava porque não basta que um tractorista saiba conduzir a máquina, precisa ser também um bom agricultor e saber quando e de que modo se deve trabalhar a terra.

«Os tractoristas», prosseguiu Stáline, «são elementos da classe operária que estão em contacto permanente, quotidiano e directo com o campesinato. Portanto devem trabalhar com elevada consciência a fim de forjar a aliança da sua classe com o campesinato trabalhador.»

A atenção com que Stáline ouvia as nossas explicações sobre a nova economia e as suas vias de desenvolvimento causou-nos profunda impressão. Entre outras coisas, detectei nele uma característica maravilhosa, tanto no decorrer da discussão sobre estes problemas, como nos encontros seguintes: nunca se exprimia em tom de comando, nem tentava impor as suas ideias. Falava, dava conselhos, fazia sugestões, mas nunca deixava de acrescentar: «Isto é a minha opinião pessoal», «é a nossa opinião. Mas vós, camaradas, analisai e decidi vós mesmos, em função da vossa situação concreta e das vossas condições.» O seu interesse abrangia todos os problemas.

Enquanto lhe falava da situação dos transportes e das grandes dificuldades que enfrentávamos neste sector, Stáline perguntou-me:

«Existe construção de pequenas embarcações na Albânia?»

«— Não.»

«— Mas têm pinheiros?»

«— Sim, florestas inteiras.»

«— Então possuem uma boa base para construir pequenos navios para o transporte marítimo.»

Em seguida perguntou-me qual o estado da rede ferroviária, que moeda tínhamos, quais os nossos recursos mineiros, se as minas albanesas tinham sido exploradas pelos italianos, etc.

Respondi a estas questões, e Stáline, concluindo a discussão, disse:

«A economia albanesa é atrasada. Começais do zero em todos os sectores. É por isso camaradas que contribuiremos com a nossa ajuda para a vossa luta e os vossos esforços, na medida das nossas possibilidades, para o relançamento da vossa economia e para o reforço do vosso exército. Examinámos os vossos pedidos e concordámos em satisfazê-los todos. Vamos ajudar-vos a equipar a indústria e a agricultura com a maquinaria necessária, a reforçar o exército e a desenvolver o ensino e a cultura. Fornecer-vos-emos a crédito outras fábricas e máquinas, que pagareis quando tiverdes possibilidades; quanto ao armamento, ser-vos-á fornecido gratuitamente, nunca tereis que o pagar. Temos consciência de que as vossas

necessidades são bastante maiores mas, de momento, isto é tudo o que podemos fazer, pois nós próprios ainda somos pobres devido às devastações causadas pela guerra.

«Simultaneamente», prosseguiu o camarada Stáline, «ajudar-vos-emos enviando especialistas que contribuirão para acelerar o desenvolvimento da economia e da cultura albanesas. Quanto ao petróleo, tencionamos enviar-vos alguns especialistas do Azerbaijão, que são mestres nesse ramo. Pelo seu lado, a Albânia deve enviar à União Soviética filhos de operários e camponeses para estudarem e se instruírem a fim de promoverem o progresso do seu país.»

No decurso da nossa estadia em Moscovo, após cada encontro com o camarada Stáline, fomos descobrindo passo a passo neste eminente revolucionário, neste grande marxista, o homem simples, caloroso, sensato, o homem real. Ele amava profundamente o povo soviético, dedicava-lhe todas as suas forças e energias, era para ele que vivia. E estes traços do seu carácter sobressaíam em cada entrevista, em cada actividade, desde as mais importantes às mais comuns.

Alguns dias após a nossa chegada a Moscovo, assisti, na companhia do camarada Stáline e de outros dirigentes do partido e do Estado soviético, a um evento desportivo de âmbito nacional, que se desenrolou no Estádio Central de Moscovo. Com que interesse seguiu Stáline as provas! Durante mais de duas horas não desviou o olhar, um milímetro que fosse, dos exercícios dos atletas e, apesar da chuva que começou a cair já para o fim e da insistência de Mólotov para que abandonasse o estádio, continuou a seguir o espectáculo até ao final, gracejando e aplaudindo. O evento terminava com uma prova de corta-mato. Estava a corrida prestes a terminar, faltavam apenas algumas voltas à pista, quando, ao pé da tribuna, passou um retardatário. Alto e magro, avançava com dificuldade, as mãos balançando como pêndulos. Mesmo assim persistia na corrida, escorrendo água. Stáline observava-o de longe, com um sorriso onde se adivinhava a sensibilidade e o calor dum pai:

«Mili moi»,⁸ murmurou, «vai para casa, descansa e recupera. Voltas para a próxima! Haverá mais provas de corta-mato...»

O respeito e o grande amor de Stáline pelo nosso povo, o interesse que demonstrava pela história e pelos costumes do povo albanês, jamais se me apagarão da memória. Durante um dos nossos encontros nesses dias, por ocasião de um jantar que Stáline ofereceu à nossa delegação no Krémelin, tivemos uma interessantíssima conversa sobre a origem e a língua do povo albanês.

*«Qual é a origem dos albaneses e da sua língua?» — perguntou-me. «Acaso te-
reis alguma relação com os bascos? Não creio que o povo albanês tenha vindo da
longínqua Ásia, e também não deve ser de origem turca porque os albaneses são
mais antigos que os turcos. Talvez tenha raízes comuns aos etruscos, que ficaram
nas vossas montanhas, já que parte deles se instalaram em Itália onde foram as-
similados pelos romanos, enquanto outros seguiram para a Península Ibérica.»*

Respondi ao camarada Stáline que a origem do nosso povo é muito antiga e que o albanês é uma língua indo-europeia. Existem várias teorias sobre esta questão, mas é certo que somos de origem ilíria. O nosso povo descende dos ilírios. Existe também uma tese que defende que o povo albanês é o mais antigo dos Balcãs e que a origem pré-homérica dos albaneses remonta aos pelasgos.

⁸ Em russo: «Meu caro».

«A teoria dos pelasgos», expliquei de seguida, «foi defendida durante certo tempo por numerosos investigadores, principalmente alemães. Alguns investigadores albaneses, especialistas em Homero, chegaram à mesma conclusão com base em certas palavras utilizadas na *Iliada* e na *Odisseia* e que ainda hoje subsistem, como por exemplo o termo “gur” (pedra), que em russo se diz “kámien”. Homero coloca esta palavra antes da sua equivalente grega, o que dá “guri-petra”. Assim, baseando-se em termos como estes, tendo também em conta o Oráculo de Dodone, a etimologia de certas palavras e as explicações filológicas da sua evolução, alguns investigadores chegaram à conclusão de que descendemos dos pelasgos, que precederam os gregos na península balcânica.

«Seja como for, nunca ouvi dizer que os albaneses e os bascos tivessem uma origem comum, disse ao camarada Stáline. É um facto que também existe essa outra teoria que acaba de referir, segundo a qual uma parte dos etruscos teria ficado na Albânia, enquanto outra parte se teria separado para se instalar em Itália, donde os restantes teriam seguido para a Península Ibérica. Talvez esta teoria tenha também os seus defensores, mas não estou a par disso.»

A certa altura Stáline disse-me:

«No Cáucaso existe uma região que se chama Albânia. Estará porventura relacionada com o vosso país?

«— Ignorava tal facto», retorqui, «mas é certo que, ao longo dos séculos, muitos albaneses foram forçados pela feroz ocupação otomana, pelos ataques e cruzadas selvagens dos sultões e paxás osmanli, tiveram de abandonar a pátria para se instalarem em terras estranhas onde constituíram autênticas povoações. Foi o que aconteceu a milhares de albaneses que se fixaram no Sul de Itália a partir do século XV, depois da morte do nosso herói nacional Skenderbeg. Actualmente existem nesse país regiões inteiras habitadas pelos albaneses de Itália que, apesar de viverem há quatro ou cinco séculos em terra estrangeira, conservam a língua e os velhos costumes dos seus antepassados. O mesmo se passa com muitos albaneses que se fixaram na Grécia, onde povoam regiões inteiras; outros instalaram-se na Turquia, na Roménia, na Bulgária, na América e noutros países. Mas quanto a essa região do Cáucaso chamada Albânia, nada sei de concreto.»

Seguidamente Stáline inquiriu sobre uma série de palavras albanesas. Desejava saber quais eram as palavras usadas para designar instrumentos de trabalho, utensílios domésticos, etc. Respondia em albanês. Depois de escutar atentamente, ele repetia-as e comparava-as às suas equivalentes na língua dos albaneses do Cáucaso. Ocasionalmente consultava Mólotov e Mikoian. Chegámos à conclusão de que não existia qualquer semelhança na raiz das palavras comparadas.

Nessa altura, Stáline carregou num botão e, pouco depois, entrou o general responsável pela sua segurança pessoal. Era um homem enorme, muito amável e que nos testemunhou uma franca simpatia.

«O camarada Enver Hoxha e eu estamos a tentar resolver um problema, mas não temos tido sucesso», disse Stáline sorrindo. *Se fazes favor entra em contacto com o professor* (e citou um eminente linguista e historiador soviético, de cujo nome já não me recordo) *e pergunta-lhe da minha parte se existe algum laço entre os albaneses do Cáucaso e os da Albânia.*»

O general saiu e Stáline pegou numa laranja, mostrou-ma e disse:

«Em russo chama-se “apelsine”. E em albanês?»

«— *Portokall*», respondi.

Mais uma vez comparou os dois termos soletrando-os e acabou por encolher os ombros. Mal tinham passado dez minutos quando o general voltou.

«Acabo de receber a resposta do professor. Diz que não existe qualquer dado a provar a existência de laços entre os albaneses do Cáucaso e os da Albânia. Mas referiu que na Ucrânia, na zona de Odessa, há algumas aldeias (cerca de sete) habitadas por albaneses. O professor tem informações precisas sobre este assunto.»

Recomendei de imediato ao nosso embaixador em Moscovo que velasse para que alguns dos nossos estudantes que cursavam história na União Soviética estagiassem preferencialmente nessas aldeias e que esclarecessem quando e como aqueles albaneses se tinham fixado em Odessa, se conservavam a língua e os costumes dos seus antepassados, etc.

Stáline, muito atento como sempre, escutou-nos e disse:

«Muito bem, é uma excelente ideia que os vossos estudantes façam esse estágio e até que alguns dos nossos se juntem também a eles.»

«— *As ciências albanológicas*», acrescentei no seguimento desta diversificada conversa com o camarada Stáline, *«estão pouco desenvolvidas e foram principalmente estudadas por estrangeiros. A isso se deve, sobretudo, a multiplicidade de teorias sobre a origem do nosso povo, da nossa língua, etc. Seja como for, todas as teorias concordam num aspecto: o facto de o povo albanês e a sua língua terem uma origem muito antiga. Mas a resposta definitiva a estes problemas caberá aos nossos futuros albanólogos, que o partido e o Estado prepararão cuidadosamente e a quem darão todas as condições de trabalho.»*

«— *A Albânia*», disse Stáline, *«deve avançar com as suas próprias forças, pois tem para isso todas as possibilidades.»*

«— *Sim, avançaremos, custe o que custar*», respondi.

«— *Pela nossa parte*», acrescentou Stáline com simpatia, *«ajudaremos o povo albanês de todo o coração, pois os albaneses são pessoas maravilhosas.»*

O jantar que o camarada Stáline ofereceu em honra da nossa delegação decorreu num ambiente muito caloroso, cordial e íntimo. Stáline fez a primeira saúde ao nosso povo, ao progresso e florescimento do nosso país e ao Partido Comunista da Albânia. Depois brindou à minha saúde, à saúde de Hysni⁹ e de todos os membros da delegação albanesa. Lembro-me que, pouco depois, e falando-lhe eu da grande resistência que o nosso povo tem oposto às invasões estrangeiras através dos séculos, o camarada Stáline qualificou os albaneses de povo heróico e dedicou-lhe uma segunda saúde. Além da conversa que comigo mantinha, dirigia-se por vezes aos outros convidados, gracejava e brindava. Não comia muito, mas tinha sempre um copo de vinho tinto à frente, que levantava sorrindo cada vez que uma saúde era feita.

Depois do jantar o camarada Stáline convidou-nos a ir ao cinema do Krémlio onde assistimos, além das actualidades, a um filme soviético de grande metragem intitulado *O Tractorista*. Sentámo-nos ambos no mesmo sofá e fiquei muito im-

⁹ O camarada Hysni Kapo, na época vice-ministro dos Negócios Estrangeiros da RPA, fazia parte da nossa delegação, que se deslocou a Moscovo em Julho de 1947.

pressionado com a atenção com que Stáline seguiu esse novo filme da produção soviética. Por vezes, elevava a sua voz quente e comentava para nós certas sequências da acção do filme. O que mais lhe agradou foi o modo como o protagonista, um tractorista de vanguarda, se esforçava por ganhar a confiança dos seus camaradas e dos agricultores, como procurava familiarizar-se com os costumes, o comportamento, as ideias e aspirações das gentes da estepe. Trabalhando e vivendo com elas, o tractorista tornou-se um quadro dirigente, respeitado pelos camponeses. A certa altura Stáline disse:

«Para se poder dirigir é preciso, primeiro que tudo, conhecer as massas e para as conhecer é indispensável descer até elas.»

Já passava da meia-noite quando saímos. No último minuto, Stáline convidou-nos a brindar e pela terceira vez fez uma saúde *«à felicidade do heróico povo albanês»*.

Depois cumprimentou-nos a todos e, ao apertar-me a mão, disse:

«Transmita as minhas saudações cordiais ao heróico povo albanês; desejo-lhe os maiores sucessos.»

Plenamente satisfeita com os encontros e conversações com o camarada Stáline, a nossa delegação deixou Moscovo a 26 de Julho de 1947 de regresso à Albânia.